



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**SAUDADES VIVIDAS, LEMBRANÇAS PASSADAS: MEMÓRIAS
FORMATIVAS NA COMUNIDADE DO CÓRREGO – APODI/RN**

MARIA NEITHIELLE DE LIMA SILVA

**MOSSORÓ/RN
2020**

MARIA NEITHIELLE DE LIMA SILVA

**SAUDADES VIVIDAS, LEMBRANÇAS PASSADAS: MEMÓRIAS
FORMATIVAS NA COMUNIDADE DO CÓRREGO – APODI/RN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de título de graduada em Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo - LEDOC da Universidade Federal Rural do Semi-Árido – Campus Mossoró/RN.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Gomes da Silva Filho

MOSSORÓ/RN
2020

©Todos os direitos estão reservados à Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996, e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tornar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata, exceto as pesquisas que estejam vinculadas ao processo de patenteamento. Esta investigação será base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) seja devidamente citado e mencionado os seus créditos bibliográficos.

S586s Silva, Maria Neithielle de Lima .
Saudades vividas, lembranças passadas: memórias formativas na comunidade do Córrego - Apodi/RN /
Maria Neithielle de Lima Silva. - 2020.
56 f. : il.

Orientador: Luiz Gomes da Silva filho.
Monografia (graduação) - Universidade Federal Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo, 2020.

1. Memórias Formativas. 2. Lembranças. 3. Histórias da Comunidade. 4. Córrego. 5. Apodi/RN.
I. Silva filho, Luiz Gomes da, orient. II. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

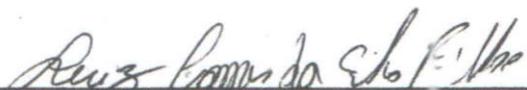
MARIA NEITHIELLE DE LIMA SILVA

**SAUDADES VIVIDAS, LEMBRANÇAS PASSADAS: MEMÓRIAS
FORMATIVAS NA COMUNIDADE DO CÓRREGO – APODI/RN.**

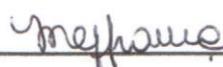
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção de título de
graduada em Licenciatura Interdisciplinar em
Educação do Campo - LEDOC da
Universidade Federal Rural do Semi-Árido –
Campus Mossoró/RN.

Defendida em 20/01/2020

BANCA EXAMINADORA



Prof.Dr. Luiz Gomes da Silva Filho (UFERSA)
Presidente



Profª.Ma. Maria da Conceição Fernandes de França
Membro Examinador Externo (UNP)



Profª.Ma. Núzia Roberta Lima
Membro Examinador Interno (UFERSA/UNP)

*Dedico este trabalho, aos meus pais!
Meus incentivadores,
Que sempre me apoiaram nesta caminhada.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu DEUS, por sempre me ouvir nos momentos de aflição e me proporcionar muita força para nunca ter desistido e muita saúde para chegar até aqui.

Aos meus pais Antônia Mafalda e Neildon Libânio, por sempre estarem ao meu lado, principalmente nos momentos mais difíceis, por sempre terem me apoiado durante essa longa caminhada e principalmente por sempre priorizarem a Educação na minha vida. Obrigada, Amo vocês!

Agradeço em especial, ao meu Orientador Luiz Gomes, por toda paciência, dedicação e responsabilidade, que foi essencial para a finalização desse trabalho. Por todas as valiosas contribuições que enriqueceram cada vez mais este trabalho. OBRIGADA!

Agradeço também a todos os professores e professoras que passaram pela minha trajetória, desde o ensino primário até a graduação, sem dúvidas vocês foram essenciais para esse resultado. Obrigada, vocês me ensinaram a amar essa profissão.

As minhas amigas e amigos queridos que estiveram presentes na minha vida durante esse tempo, principalmente aos que estavam diariamente comigo na UFERSA, esse percurso não foi fácil, mas com vocês se tornou de alguma forma, mais suave. Nunca vou esquecer vocês!

Enfim, quero agradecer a todos que direto ou indiretamente fizeram parte dessa caminhada, vocês me deram forças e me fizeram crescer. OBRIGADA!

A memória é a (auto)consciência inserida no tempo.

Fernando Pessoa.

RESUMO

Este trabalho está discutindo a importância do resgate das memórias históricas na comunidade de Córrego localizado na Cidade de Apodi-RN, pois com as mudanças decorrentes do avanço da industrialização e da modernidade, as histórias passadas estão ficando apenas nas lembranças de quem viveu. Assim, a pesquisa busca revelar esse problema, como os acontecimentos passados estão presentes na história da comunidade do Córrego e como elas são formativas? Tem como Objetivo Geral: Resgatar a história da comunidade do Córrego a partir das memórias do seu povo. Como objetivos específicos: Conhecer as histórias de vida de alguns moradores da comunidade do Córrego e Refletir como essas memórias/histórias são formativas. Esta pesquisa se fundamenta em autores como: Chaui (2000); Bosi (1979); Maurice Halbwachs (1990); Bergson (1999) e Pollak (1989) entre outros. Os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas, com 05 moradoras idosas da comunidade. Os resultados apontam que as memórias destacadas são de extrema importância para todos da comunidade, principalmente para as futuras gerações, sendo que elas estão repletas de representatividade e que são formativas, dispendo de um grande poder educativo.

Palavras-chave: Memórias Formativas; Lembranças; Histórias da Comunidade; Córrego; Apodi/RN.

ABSTRACT

This work is discussing the importance of the rescue of historical memories in the community of Córrego located in the City of Apodi-RN, because with the changes resulting from the advancement of industrialization and modernity, past stories are remaining only in the memories of those who lived. So the research seeks to reveal this problem, how are past events present in the history of the Stream community and how they are formative? Its General Objective is to Rescue the history of the Stream community from the memories of its people. As specific objectives: To know the life stories of some residents of the Stream community and Reflect how these memories/stories are formative. This research is based on authors such as Chaui (2000); Bosi (1979); Maurice Halbwachs (1990); Bergson (1999) and Pollak (1989) among others. Data were obtained through semi-structured interviews, with 05 elderly residents of the community. The results indicate that the highlighted memories are extremely important to everyone in the community, especially for future generations, and they are full of representativeness and that they are formative, having a great educational power.

Keywords: Formative Memories; Memories; Community Stories; Stream; Apodi/RN.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Instituições que podemos encontrar no Distrito do Córrego	25
Quadro 2 – Perfil das entrevistadas	39

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização de Apodi no mapa do Rio Grande do Norte	21
Figura 2 - Município de Apodi e vizinhos	21
Figura 3 – Escola Municipal Isabel Aurélia Torres.....	25
Figura 4 – Capela de São Pedro.....	26
Figura 5 – Capela de São Francisco.....	26
Figura 6 – Centro Comunitário – Nia Domo.....	27
Figura 7 – Unidade de beneficiamento de castanha de caju.....	27
Figura 8 – Localização da comunidade de Córrego.....	29
Figura 9 – Francisca Torres.....	42
Figura 10 – Antônia Maria.....	43
Figura 11 – Maria Lurdes.....	43
Figura 12 - Maria Vilani.....	44
Figura 13 – Sebastiana Francisca.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AMPC – Associação de Mini Produtores de Córrego e Sítios Reunidos.
- COOPAPI – Cooperativa Potiguar de Apicultura e Desenvolvimento Rural Sustentável.
- EAJ – Escola Agrícola de Jundiaí.
- FACUC – Feira de Arte e Cultura de Córrego.
- FBB – Fundação Banco do Brasil.
- FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- IFRN - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.
- LEDOC - Licenciatura em Educação do Campo
- MIDEP – Modelo de Inclusão Digital para Empreendimentos Produtivos.
- ONU – Organização das Nações Unidas.
- PBF – Programa Bolsa Família.
- RN – Rio Grande do Norte.
- UBS – Unidade Básica de Saúde.
- UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SUMÁRIO

1 – APRESENTANDO OS PASSOS DA PESQUISA.....	14
2 – CONHECENDO O LUGAR: CONTEXTO ESTADUAL E LOCAL.....	17
2.1 – Apodi – RN: Histórias e Heranças.....	20
2.2 – Distrito de Córrego: Lembranças em Construção.....	24
2.2.1 – Aspectos Geográficos	26
2.2.2 – Aspectos Culturais e religiosos.....	27
2.2.3 – Aspectos Econômicos.....	28
2.2.4 – Aspectos Educativos	30
3 – AS MEMÓRIAS E A CONSTRUÇÃO FORMATIVA: UMA ANÁLISE TEÓRICA.....	32
3.1 – Memórias e Lembranças	33
3.2 – Memória Coletiva e Memória Histórica	34
4 – O QUE EU VI E APRENDI DAS MEMÓRIAS/HISTÓRIAS CONTADAS...39	
5 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	47
6 – REFERÊNCIAS	49
7 – APÊNDICE	51

1. APRESENTANDO OS PASSOS DA PESQUISA

Falar das comunidades tradicionais é sempre um desafio, seja pela falta de fontes bibliográficas, ou pelas diversas transformações territoriais e culturais que atravessam essas comunidades. No nosso estudo, isso também se evidencia, uma vez que na Comunidade do Córrego, objeto de estudo desse trabalho, não goza de um acervo documental significativo quanto a sua historicidade. Essa Comunidade está localizada a 14 km de distância da cidade do Apodi – Rio Grande do Norte da qual é pertencente territorialmente.

De acordo com relatos, a comunidade do Córrego surgiu por volta do ano de 1856 (162 anos). Pela escassez de estudos, não se tem dados atualizados sobre a área geográfica e a população da comunidade, os últimos dados são do ano de 1998, onde a área geográfica era de 2,5 km² e a população era de 582 habitantes.

Atualmente a principal fonte de renda é a agricultura de subsistência, baseada na pequena propriedade e no trabalho familiar, com destaque para o plantio de feijão, milho, mandioca, criação de animais, colheita de caju e castanha, entre outros, e o extrativismo de palha de carnaúba, sendo a Comunidade uma das que mais produz artesanatos originados a partir dessa palha, com especial destaque para vassouras e chapéus.

A cidade do Apodi tem fortes influências da cultura indígena local, a própria palavra *Apodi* é de origem indígena, e significa “coisa firme”. A cidade foi emancipada do município de Portalegre/RN no ano de 1833, os primeiros habitantes foram os índios Tapuias Paiacus.

No último censo, no ano de 2017, a cidade tinha 34.763 habitantes e se estende por 1 602,5 km² (IBGE, 2017). A economia da cidade está baseada na agricultura e na pecuária com a criação de bovinos, ovinos e caprinos. A cidade conta com alguns pontos turísticos, como por exemplo, o Sítio Arqueológico do Lajedo de Soledade, a Barragem de Santa Cruz, o museu do Índio Luiza Cantofa, e o Calçadão da Lagoa. É dentro deste contexto que insere-se a Comunidade do Córrego.

Nos meus tempos de criança, como eu morava longe dos meus avós maternos, uma das minhas alegrias era passar fins de semana na casa deles,

onde sempre ouvia os mesmos contarem histórias de vida e da Comunidade, sempre achei fantástico esses momentos e me interessei por preservar essa riqueza cultural. Atualmente, raramente se encontra pessoas mais velhas contando suas histórias, é percebido que esses momentos são importantes e essenciais para as comunidades rurais, pois fortificam ainda mais as relações sociais das mesmas, além disso, apresentam um caráter formativo, sobretudo a partir da educação informal (GONH, 2006), de grande relevância para as novas gerações.

Assim, a partir da minha vivência e conhecimento sobre a Comunidade de Córrego, percebi que há uma necessidade de se pesquisar e resgatar sobre as histórias passadas dessa Comunidade, já que na contemporaneidade elas se tornaram apenas lembranças, saudades, pedaços que foram vividos algum dia. É relevante ressaltar que essa pesquisa é importante tanto para as pessoas idosas da comunidade, uma vez que elas comungam do sentimento da necessidade de realizarmos esse resgate, quanto para as novas gerações, que precisam conhecer essa história e se utilizarem dela para melhor se conhecerem enquanto grupo social.

Essas histórias muitas vezes, estão apenas nas memórias dos moradores mais velhos, porém, com as mudanças culturais essas lembranças vêm se perdendo, e uma vez que essas memórias se perdem, ficam apenas como saudade, Albuquerque Jr (2011, p. 97-98) acrescenta que, “[...] o que se passa no tempo some, anda para longe e não volta nunca. É com profunda pesar que ela constata ser o passado uma substância solúvel, que se dilui dentro da vida, escorre pelos buracos do tempo – águas passadas”. Assim, é percebível a importância de se lembrar/resgatar tantas coisas que estão presentes na memória.

Desse modo, essa pesquisa é relevante pois possibilita o conhecimento de um assunto ainda pouco abordado na academia, por isso, evidencia-se que há necessidade de deixar registrada a história do lugar e da representatividade dessa história para a vida dos novos moradores.

Metodologicamente a pesquisa foi desenvolvida em um primeiro momento destacando aspectos gerais da Comunidade. Em seguida destacamos Memórias coletivas e memórias formativas com os moradores

antigos da Comunidade, onde foi narrada as histórias e memórias passadas delas e da comunidade. Finalmente foi apresentado os resultados das reflexões, no qual foi analisado como essas memórias podem se converter em conteúdo formativo para as novas gerações que vivem no Córrego.

Esta monografia foi desenvolvida a partir das seguintes pesquisas: pesquisa descritiva, bibliográfica e de campo. As pesquisas descritivas de acordo com Gil (1991, p.42),

[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis, são inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

As pesquisas bibliográficas foram realizadas em instituições oficiais sobre o que existe de registro a respeito da comunidade, em livros e artigos relacionados ao tema da pesquisa, onde Gil (1991, p. 44) aborda que:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

O trabalho foi enriquecido principalmente com os estudos de campo, onde através de entrevistas e conversas com pessoas da comunidade, principalmente os mais idosos, foram trazidas as histórias de vida, e com isso, a partir das memórias dos sujeitos a história da comunidade foi recontada e interpretada através de seus relatos e sentimentos, Gil (1991, p. 53) aborda que:

No estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo. Também se exige do pesquisador que permaneça o maior tempo possível na comunidade, pois somente com essa imersão na realidade é que se podem entender as regras, os costumes e conversões que regem o grupo estudado.

No primeiro momento foi feita pesquisas bibliográficas sobre o assunto, no qual foram pesquisados os acervos da Associação, escola, entre outras instituições presentes na comunidade, e trabalhos, artigos que abordam o tema pesquisado. No segundo momento foi realizado estudos/pesquisas de campo

na comunidade, onde se desenvolveu entrevistas e conversas com 05 moradoras da comunidade, as mais velhas, onde a pesquisa bibliográfica complementou a pesquisa de campo e vice versa. As entrevistas foram de forma semiestruturada com questionários abertos, a fim de que esse momento da conversa/entrevista seja bastante significativo. No terceiro momento foi feita a análise dos dados e interpretação dos fatos narrados pelos sujeitos da pesquisa.

Por fim, destaque-se que, do ponto de vista pessoal, vejo através da minha vivência uma necessidade de se pesquisar e destacar as histórias e memória dessa comunidade. No ponto de vista acadêmico, é de extrema importância que existam registros das histórias de vida dessas comunidades, para que futuramente sirva como referências para outras pesquisas e estudos. No ponto de vista social, esse trabalho vai possibilitar uma maior compreensão da sociedade sobre a história da comunidade do Córrego, de acordo com as memórias e histórias de vida dos moradores.

Esta monografia está estruturada em quatro capítulos, o primeiro “Apresentando os passos da pesquisa”, como o próprio nome já diz, é uma breve introdução desse trabalho, o segundo cujo nome é “Conhecendo o lugar: Contexto Estadual e Local”, neste capítulo de início foi abordado um pouco sobre o Estado do Rio grande do Norte, em seguida sobre a Cidade de Apodi e logo após sobre o local de estudo, o Distrito de Córrego, onde foi abordado sobre os aspectos Geográficos, Culturais, Econômicos e Educativos dessa Comunidade. O terceiro “As memórias e a construção formativa: uma análise teórica”, neste capítulo foi abordado sobre as memórias coletivas, históricas e sobre as lembranças. O quarto e último capítulo “O que eu vi e aprendi das Memórias/Histórias contadas”, neste capítulo foi abordado sobre os resultados e discursões das entrevistas.

2. CONHECENDO O LUGAR: CONTEXTO ESTADUAL E LOCAL

De início o território que hoje corresponde ao Rio Grande do Norte era povoado pelos Índios Tupis no litoral e no interior, pelos índios Tapuias. (MONTEIRO, 2007). Esses povos eram coletores e caçadores e, deixaram suas marcas nos sítios arqueológicos que hoje podemos encontrar em diversas regiões do RN. Isso também pode ser evidenciado na cidade do Apodi. Podemos assim dizer que o nosso Estado era povoado essencialmente por povos indígenas, depois, esse território sofreu invasões de diversos povos europeus, principalmente como os holandeses e franceses.

Monteiro (2007, p. 51) acrescenta que:

O Rio Grande foi efetivamente incorporado ao domínio holandês em 1633, quando uma expedição organizada com esse objetivo foi composta por onze embarcações e 808 soldados e dirigiu-se à capitania. Aqui chegando, parte da tropa desembarcou em algum trecho do litoral compreendido entre a Cidade do Natal e onde é hoje a praia de Ponta Negra. Avançando pela praia, dirigiu-se ao Forte e, posicionando-se nas dunas próximas, iniciou um ataque de artilharia terrestre, complementado com uma investida por mar.

Trindade (2007, p.53), acrescenta que:

[...] os holandeses não incursionaram muito pelo interior, limitando-se mais às áreas litorâneas e agreste, nos atuais Municípios de Natal, São Gonçalo do Amarante, Macaíba, Extremoz, São José de Mipibu, Nísia Floresta, Ares, Goianinha, Canguaretama, todo o vale do Rio Ceará-Mirim e toda a área salineira.

Historicamente a região correspondente ao Nordeste foi vista como uma região “atrasada”. No ano de 1870, o Nordeste passava por uma crise em relação a região Sul e Sudeste, uma vez que as lavouras de café se expandiam nessas regiões e o trabalho escravo estava sendo substituído pelo trabalho de pessoas livres (imigrantes). (Monteiro,2007).

Com a Primeira República não houve muitos avanços econômicos e sociais no Nordeste, principalmente para as populações pobres, que continuavam na miséria com péssimas condições de vida e sobre o domínio do monopólio da terra e a conseqüente concentração da renda. Nesse contexto surge no Nordeste brasileiro o fenômeno que ficaria conhecido como o cangaço.

Esses grupos surgiram como uma reação ao estado de pobreza e miséria que assolava a região. Os cangaceiros não eram revolucionários, pois eles (as) não eram necessariamente contra os dominantes, e não desenvolviam projetos de transformação social, eles eram porta-vozes de resistência para tantas injustiças, eram indivíduos de baixa renda em péssimas condições sociais.

Com o avanço da industrialização, o Nordeste começou a exportar alguns produtos para o mercado interno, sobretudo açúcar e algodão. Já na região Sudeste várias indústrias se estabeleceram, Monteiro (2007, p.133) afirma que:

Entre 1880 e 1889, foram fundadas 398 estabelecimentos industriais no país, concentrados, sobretudo, na região sudeste. Dentre eles, encontravam-se tanto fábricas, onde operários trabalhavam com máquinas a vapor ou hidráulicas, como pequenas manufaturas, ou seja, oficinas de artesãos.

Assim, com o crescente desenvolvimento das Indústrias no Brasil, o Nordeste se tornou um importante fornecedor de algodão para a indústria têxtil nacional. No Rio Grande do Norte a cotonicultura (cultura do algodão) se tornou a atividade mais importante, passando a abastecer as fábricas do Sudeste. Assim foram surgindo alguns avanços no RN, Como é o exemplo da instalação de rodovias e de ferrovias no período da Primeira República. A primeira ferrovia potiguar ligava Natal à Nova Cruz. Monteiro (2007, p.137) acrescenta.

Com a implantação dessa política, portanto, a elite agro-exportadora ganhou duplamente. Em primeiro lugar, com a melhoria das condições de escoamento da produção pelas estradas; em segundo lugar com a possibilidade de reter parte da escassa mão- de-obra, pois uma vez passada a seca, os trabalhadores abandonavam as frentes de trabalho e voltavam para a lavoura.

Foi também na Primeira República que no RN iniciou a modernização da atividade agrícola onde surgiu a primeira usina de açúcar e outras novidades utilizando a energia a vapor. Assim, houve uma crescente valorização do algodão. Surgiu também usinas de beneficiamento desse açúcar para preparar esse produto para exportação. Aos poucos a sociedade do Estado foi se diversificando, pois foi aparecendo novas classes sociais.

Com o governo de Getúlio Vargas, houve algumas mudanças como a proibição do voto dos analfabetos, a instituição do voto secreto e o direito de voto às mulheres, porém no RN esse direito já havia sido exercido nas eleições de 1928, por Celina Guimarães Viana que votou pela primeira vez, sendo considerada a primeira mulher a ter votado no Brasil. Assim, segundo Monteiro (2007, p.155),

Quanto aos trabalhadores rurais, era difícil o trabalho de conscientização de seus direitos e sua organização em sindicatos, visto que, dispersos no campo, ocupados nas atividades agrícolas e pastoris, mergulhados no analfabetismo, estavam mais diretamente subordinados aos proprietários rurais, constituindo “currais eleitorais” de números “coronéis” no interior. Acrescente-se a isso o fato de que a participação política por meio do voto era privilégio de poucos, uma vez que só podia votar os alfabetizados.

Na década de 60, o sal se destaca no RN, sendo que nesse período há o desempenho da mecanização da produção de sal, onde muitos salineiros ficaram desempregados, no qual foram substituídos pelas máquinas.

Em 1974, no RN houve um grande desenvolvimento econômico, devido o descobrimento de petróleo no Estado, principalmente na região do Oeste. Essa nova fonte de renda e trabalho amenizou os problemas que o Estado vinha sofrendo com as secas sucessivas que castigavam esse território. Desse modo, o ciclo de desenvolvimento econômico do RN materializa-se com especial ênfase na região do Oeste potiguar.

2.1. APODI – RN: HISTÓRIAS E HERANÇAS

A cidade do Apodi está localizada a 399 quilômetros de distância da Capital estadual (Natal) seus habitantes se chamam Apodienses. O Município de Apodi é o segundo maior do Estado em tamanho territorial e o 13º município em termos populacionais, com 34.763 habitantes (IBGE, 2017). Sua densidade demográfica e de 21,69 hab/km², a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade é de 97,2 % (IBGE, 2017).

A figura 1 (a baixo) ajuda na compreensão espacial da localização geográfica da Cidade de Apodi no mapa do Rio Grande do Norte.

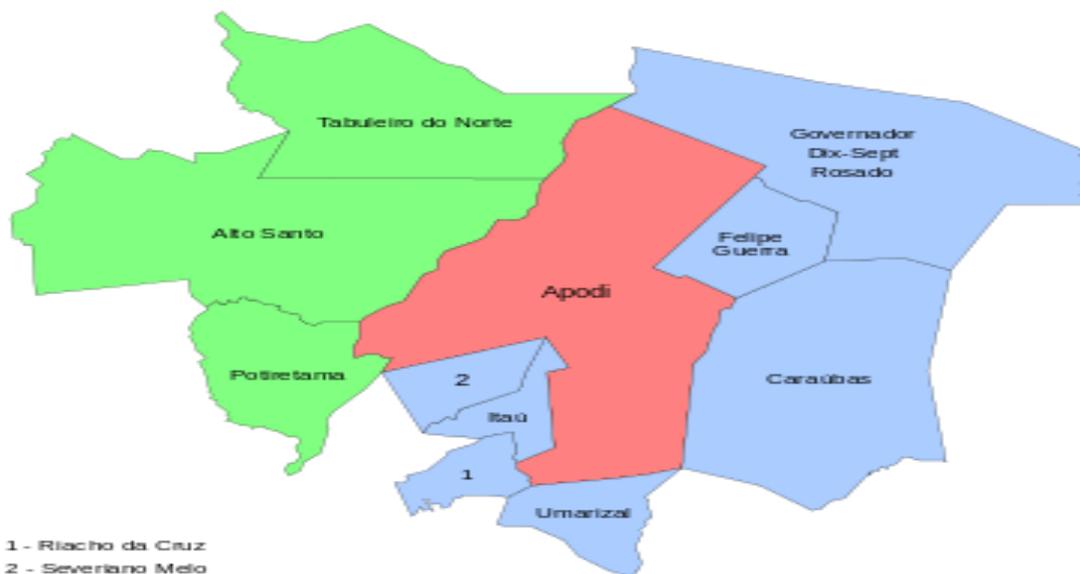
Figura 1: Localização de Apodi no mapa do Rio Grande do Norte



Fonte: Google Imagens.

Na figura 2 apresentamos os municípios circunvizinhos à cidade de Apodi.

Figura 2: Município de Apodi e vizinhos.



Fonte: Google Imagens.

Historicamente, os primeiros habitantes do Apodi foram os índios Tapuias Paiacus. Em 19 de abril de 1680 (data de fundação da cidade), começou a ser colonizada pelos irmãos Manoel Nogueira, que ali se

estabeleceram em fazendas agropecuárias. Os colonizadores perceberam que as terras apodienses eram muito férteis e cheias de qualidades para agricultura. Porém essas terras, como dito, eram ocupadas pelas populações indígenas, desse modo começou uma disputa que culminou na expulsão dos nativos que ali se encontrava. A partir disso, foi implantado as Missões, cujo objetivo era catequizar, ou seja, torna os indígenas católicos e “civilizados”. Essas terras foram bastante exploradas pela agricultura, e sofreu grandes transformações.

No aspecto político, em 1833 Apodi foi desmembrado do município de Portalegre, a quem pertencia anteriormente, obteve foros de Cidade pela Lei provincial n.º 988, de 5 de março de 1887. O primeiro administrador da referida Cidade, foi o Capitão João Nogueira de Lucena Silveira (1833), e a primeira mulher eleita prefeita da Cidade, foi Maria Gorete da Silveira Pinto (2007).

No aspecto ambiental a vegetação predominante é a caatinga hiperxerófila, ou seja, vegetação que predomina nos solos rasos que estão a cima das rochas do embasamento cristalino. O clima é o semiárido. Nos últimos anos, os reservatórios de água da cidade, tem sofrido com os períodos de seca, como é o exemplo da Barragem de Santa Cruz que se encontra com o nível de água baixo.

A economia do município está voltada para a agricultura, pecuária, indústria e setor de serviços. Segundo Santana Júnior (2010, p.34):

A pecuária constitui uma significativa atividade econômica, com predominância da caprinovinocultura, seguida pela bovinocultura. As criações são, em grande proporção, extensivas, com os animais criados em campos de pastagens naturais. Tais pastagens são abundantes na temporada de chuvas e escassas no período de verão e nos anos de seca. Para minimizar os problemas advindos da escassez de chuvas, muitos pecuaristas produzem forragem como o sorgo para suplementação alimentar dos rebanhos.

Ainda no aspecto econômico, podemos destacar no setor secundário a empresa PETROBRAS, que gera empregos para a região.

A cidade tem diversas religiões, com predominância da religião católica. A igreja matriz da cidade foi construída em 1740, sendo que a cidade tem dois padroeiros, São João Batista e Nossa Senhora da Conceição, a cidade tem outras religiões como é o exemplo do Centro Espirita Nova Vida e as religiões

de denominação pentecostal e neopentecostal. das manifestações culturais presentes no município podemos citar o carnaval, as vaquejadas, a copa municipal de futebol, a emancipação política da cidade, a festa de padroeiros, entre outros.

Na educação, podemos destacar a primeira escola de instrução particular criada/fundada em 1780 e a primeira escola de instrução pública em 1827 como pontos importantes. Atualmente, a Cidade de Apodi conta com 40 escolas entre escolas privadas e públicas, e 1 Instituto Federal (IFRN – Campus Apodi), 37 com o Ensino Fundamental e 7 com o Ensino Médio. (Educa Mais Brasil, 2019). Como Projetos atuais da Educação, podemos citar: o Projeto Mediotec, onde os alunos que cursam o Ensino Médio tem a oportunidade de cursar ao mesmo tempo o Médio e o técnico; o Projeto TEAbraço, que tem o objetivo de fornecer capacitação e informações sobre o Autismo, para as famílias e profissionais da educação.

O Município conta com vários pontos turísticos, como é o exemplo do Museu Rural do Lajedo de Soledade, o Museu do Índio Luiza Cantofa, a Barragem de Santa Cruz, que é o principal reservatório de água do município e o segundo maior reservatório do Estado, o sítio arqueológico do Lajedo de Soledade, que é um dos sítios arqueológicos mais importantes do Brasil, onde pode ser estudado de várias formas, tanto pela Geografia, História, Geologia, Paleontologia, Arqueologia, entre outros, ou pode ser estudado tudo junto, havendo a interdisciplinaridade. O Lajedo recebe de 7 a 8 mil visitantes por ano.

Tendo em vista os aspectos apresentados nesta seção, podemos perceber que existem fatores históricos, políticos, econômicos, culturais e outros que fundam a cidade do Apodi. Essa herança é importante para as novas gerações, para as escolas e para as pessoas de modo geral. São aspectos que merecem destaque, pois contam a essência e a gênese da história da nossa cidade.

2.2. DISTRITO DO CÓRREGO: LEMBRANÇAS EM CONSTRUÇÃO

Até agora nos dedicamos aos aspectos gerais da cidade do Apodi, a partir de agora vamos iniciar uma caminhada pelas veredas da história que

conduzem ao Córrego, que é tanto o nosso lugar, quanto o lugar do nosso estudo. O Córrego é um distrito da cidade do Apodi, esse é o lugar de onde falamos.

A comunidade se chama Córrego, pois nessa localidade passa um riacho que desemboca na Lagoa do Apodi. De acordo com relatos, a Comunidade do Córrego surgiu por volta do ano de 1856 (162 anos). Segundo (Torres, 1998, p. 12):

Um córrego da lagoa do Apodi, corta a Localidade de Sítio Córrego e divide a mesma em Córrego I e Córrego II, que desemboca na Lagoa do Apodi. Esta chega até o Rio Apodi, que atravessa a chapada do Apodi e vai desaguar no Oceano Atlântico entre os municípios de Grossos e Areia branca.

A partir desse córrego as pessoas começaram a morar e trabalhar às margens. Assim, paulatinamente foi surgindo essa comunidade. Segundo relatos, um dos primeiros habitantes foi o Sr. Néio Herculano que morava em um barraco com sua esposa, perto desse Córrego. Com a morte de sua esposa, ele passou um tempo morando sozinho e depois foi embora e assim o Córrego ficou desabitado.

Com a seca de 1877, chegaram nessa região a família dos Elisiários, advindos de Upanema, vieram escapar da seca, escolheram essa região pelo fato de ter água em abundância. Segundo alguns relatos históricos, quando essa família chegou nesse local, já tinha outras pessoas residindo nessa localidade.

Aos poucos foi surgindo um pequeno povoado, sendo a agricultura a fonte de renda, as famílias vendiam seus produtos na cidade de Mossoró, levando-os em carros de bois, onde essa viagem durava vários dias e era uma atribuição dos homens, por sua vez, cabia às mulheres a tarefa de fazer algumas vestimentas e fiarem redes.

Esse Córrego servia como fonte de água, plantações de capim, consumo humano e de animais e é/era muito importante para o lençol subterrâneo. Antigamente as pessoas usavam canoas ou animais para se locomoverem e atravessarem o Córrego I para o Córrego II, pois era os únicos meios disponíveis, atualmente os meios mais utilizados são carros, bicicletas, motos, e carroças.

Agora vamos apresentar as instituições que podem ser encontradas no Distrito de Córrego, e em seguida imagens de algumas das instituições.

INSTITUIÇÕES QUE PODEMOS ENCONTRAR NO DISTRITO DO CÓRREGO	
1	Escola Municipal Isabel Aurélia Torres
2	UBS – Unidade Básica de Saúde
3	Capela de São Pedro
4	Capela de São Francisco
5	Igreja Evangélica Assembleia de Deus
6	Centro Comunitário – Nia Domo
7	Associação de Mini Produtores de Córrego e Sítios Reunidos (AMPC)
8	Estação Digital Espaço Virtual – Polo e-Tec Apodi
9	Unidade de Beneficiamento de castanha de caju

Fonte: Produzido pela Pesquisadora (2019).

Figura 3: Escola Municipal Isabel Aurélia Torres



Fonte: Acervo da Autora, 2019.

Figura 4: Capela de São Pedro



Fonte: Acervo da Autora, 2019.

Figura 5: Capela de São Francisco



Fonte: Acervo da Autora, 2019.

Figura 6: Centro Comunitário – Nia Domo



Fonte: Acervo da Autora, 2019.

Figura 7: Unidade de Beneficiamento de castanha de caju



Fonte: Acervo da Autora, 2019.

A Comunidade de Córrego passou a ser Distrito a parti da Lei Municipal Nº 1132/2017 de 28 de Abril de 2017, essa Lei foi criada pela Vereadora Maria Soneth da Silva Ferreira Gomes, a referida Lei cria o Distrito de Córrego e dá outras Providências.

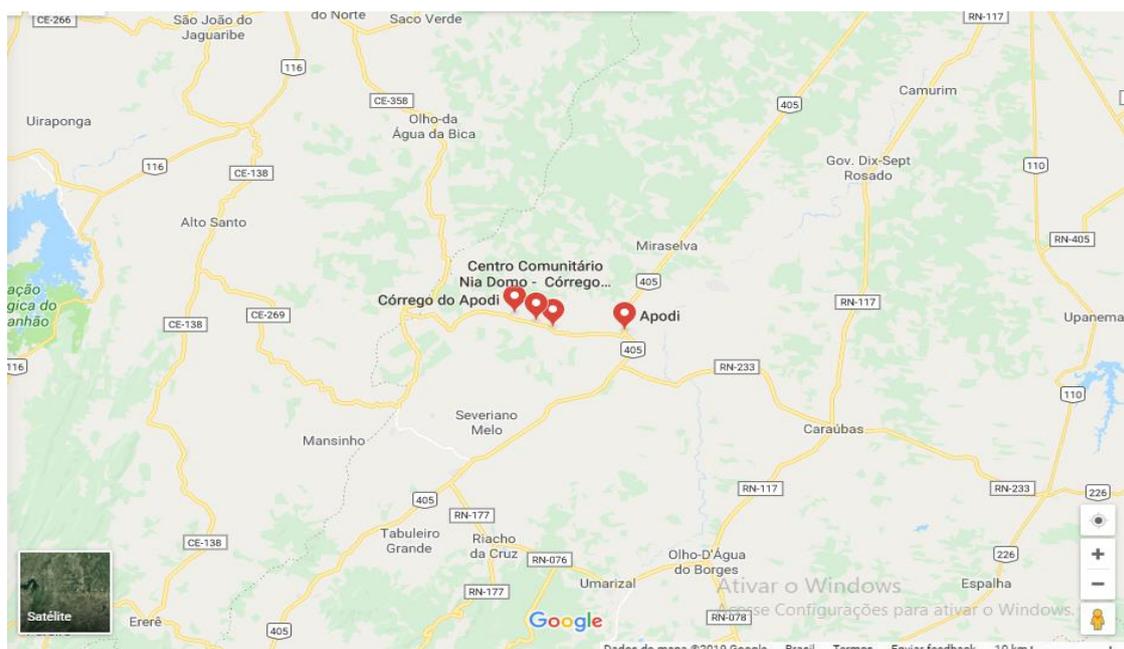
2.2.1 Aspectos Geográficos

O Distrito de Córrego está localizado na parte Oeste do município de Apodi, a 10 km de distância da Cidade. Tem como limites: ao norte Sítio Pau Ferro, ao sul Sítio Urbano, ao leste Sítio Largo e ao Oeste Sítio Lagoa Amarela.

O clima é o semi-árido, com temperaturas entre 29 e 37º C, uma região caracterizada por elevadas temperaturas e chuvas escassas, sendo menos de 600 mm por ano. As chuvas acontecem nos meses de Fevereiro a Abril, que para os agricultores corresponde ao “inverno”, mas esse período representa o verão nas estações do ano.

A vegetação do Córrego corresponde à caatinga, composta por plantas xerófilas, ou seja, plantas que tem a capacidade de sobreviver em locais secos, como é o exemplo das cactáceas, o juazeiro, a carnaúba, o velame, a macambira, e o cajueiro que é muito presente na região e tem grande importância para a economia local, que tem como base os produtos derivados do cajueiro e da carnaúba. O solo é de alta fertilidade e em alguns locais a água é encontrada em pequenas profundidades.

Figura 8: Localização da comunidade de Córrego.



Fonte: Google Maps, 2019.

2.2.2 Aspectos Culturais e religiosos

No Distrito de Córrego, são realizadas várias atividades culturais que são tradicionais na Comunidade como é o exemplo, a Feira de Arte e Cultura de Córrego (FACUC). A Facuc é uma feira que acontece na comunidade. Essa feira visa o crescimento e desenvolvimento da Comunidade, despertar a curiosidade, potencialidade, capacidade e criatividade das pessoas, e incentivar a população em geral para participar das oficinas, exposições e concursos, para que eles/elas possam construir e compartilhar conhecimentos sobre os temas abordados. A cada ano que acontece, a Feira tem um tema, no ano de 2018, o tema foi: cultivando valores, resgatando tradições. E as oficinas foram com temas atuais, como por exemplo, energia renováveis, agricultura familiar, quintais produtivos, educação, água, entre outros.

Outro aspecto relevante à Comunidade no âmbito cultural são as festas religiosas. Há duas igrejas católicas no Córrego, por sua vez, existem dois padroeiros, quais sejam: São Pedro e São Francisco de Assis. Junto às celebrações dos padroeiros, o mês mariano também marca a comunidade no

aspecto religioso. A festa de São Pedro acontece no mês de junho, e a festa de São Francisco acontece no mês de Outubro. Durante o período de festas, depois da novena, acontecem várias “brincadeiras”, como é o exemplo de desfiles juninos, quadrilhas, concurso de mais bela voz, entre outros.

É tradição nessa comunidade, como em outras comunidades rurais, durante todo o mês mariano ser celebrado novenas e no último dia do mês ter um forró, antigamente havia vários acontecimentos, hoje em dia o que predomina são as novenas durante o mês.

Desse modo, é perceptível que as tradições culturais, criadas ainda em tempo remotos, têm grande influência para a vida das pessoas da Comunidade. Essas tradições embora estejam em processo de transformação, ou mesmo de desaparecimento, significam o modo como os sujeitos do Córrego vêm o mundo, ou seja, são manifestações simbólicas carregadas de sentido.

2.2.3 Aspectos Econômicos

O Nordeste é uma região que sofre muito com as secas, uma vez que esse fenômeno marca a região como um todo. As consequências da seca estão na esfera social, isso significa que elas podem ser amenizadas com projetos e políticas públicas. A comunidade de Córrego já sofreu muito com as longas e devastadoras secas, onde muitas pessoas já perderam totalmente seus rebanhos, e até passaram por vulnerabilidade alimentar, tendo que comer macambira – planta típica da região Nordeste – as pessoas utilizavam essa planta para fazer um tipo de pão. Hoje em dia, nos períodos de seca as pessoas não passam mais por tantas dificuldades como no passado, pois a situação econômica da comunidade mudou bastante.

Um dos fatores para essa mudança na condição de vida das pessoas foi/é o Programa Bolsa Família (PBF), criado em 2003 pelo então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, esse programa social visa na transferência direta de renda para as pessoas em extrema pobreza (os participantes devem ter renda mensal de até R\$ 85 por pessoa), com o objetivo de diminuir a vulnerabilidade, e dessa forma garantir o acesso a alimentação, saúde e educação. Os beneficiários devem cumprir algumas condições para continuar no Programa,

onde podemos citar: a vacinação das crianças de até 7 anos devem estar em dia, as crianças e adolescentes devem ter uma frequência mínima na escola. O Programa Bolsa Família tem sido recomendado pela Organização das Nações Unidas (ONU) e tem sido referência para outros continentes, como sendo um importante Programa de combate à fome. Atualmente mais de 13 milhões de famílias são beneficiadas por esse Programa Social.

Atualmente a principal fonte de renda é a agricultura de subsistência, baseada principalmente na Agricultura Familiar¹, onde se destaca o plantio de feijão, milho, mandioca, a colheita de caju e castanha que antes não era beneficiado na indústria. Hoje em dia tanto o caju é vendido para algumas fábricas, e a castanha quando não era vendida para os *atravessadores* era vendida para uma fábrica de processamento que tem na comunidade. Recentemente essa fábrica fechou, agora as castanhas quando não são vendidas para os *atravessadores* são vendidas para a Cooperativa Potiguar de Apicultura e Desenvolvimento Rural Sustentável (COOPAPI), presente na cidade de Apodi.

O extrativismo de palha de carnaúba, também é muito importante nessa comunidade, sendo essa região uma das que mais produz artesanatos originados a partir da palha da carnaúba, com especial destaque para vassouras, chapéus de palha e bolsas. Esse trabalho é realizado por grande parte das mulheres, sendo uma considerável fonte de renda para as mesmas. Na pecuária, destaca-se a criação de gado, bodes, ovelhas, porcos e galinhas, tanto para o consumo como para o comércio local.

Assim, de acordo com as observações apresentadas, é notável que a economia na comunidade de Córrego mudou significativamente, mas é importante ressaltar a permanência de traços econômicos antigos que ainda permanecem na região, como é o exemplo dos artesanatos da palha da

¹ WANDERLEY (1999, p 23) descreva a agricultura familiar como “[...] aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. É importante insistir que esse caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo, ou seja, o fato de uma estrutura produtiva associar família-produção-trabalho tem consequências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente. No entanto, assim definida, essa categoria é necessariamente genérica, pois a combinação entre propriedade e trabalho assume, no tempo e espaço, uma grande diversidade de formas sociais”.

carnaúba, o qual passa de geração em geração, sendo uma forma educativa aprendida e ensinada fora da escola, ou seja, a educação informal.

2.2.4 Aspectos educativos

Na Comunidade de Córrego, os traços educativos informais estiveram e ainda estão presentes diariamente na mesma. Nesta Comunidade, os conhecimentos populares perpassam por muitas gerações, e estão presentes na atualidade, onde podemos citar os conhecimentos medicinais, como as pessoas aprendem a fazer as tranças e os artesanatos, esses conhecimentos foram aprendidos e ensinados fora da escola, através das experiências cotidianas, que fazem parte da Educação Informa². Assim a educação vai muito além da escola.

No Distrito de Córrego a Escola Municipal Isabel Aurélia Torres, foi criada com o Decreto Municipal nº 067/99 de 27 de setembro de 1999, que ratifica os termos do Decreto Municipal nº 067/84. O nome da escola foi uma homenagem a Isabel Aurélia Torres, que nasceu e morou na comunidade do Sítio Córrego. Isabel foi uma mulher que estudou em escolas públicas e mesmo sendo de família humilde, conseguiu terminar o 5º ano primário – antigo admissão, onde em seguida foi professora do município. Durante sua jornada, sempre semeou o bem e a amizade, onde aos poucos conquistou o respeito das pessoas.

A escola já existia desde 1984, porém, funcionava de forma precária, atendendo a demanda da comunidade e dos sítios vizinhos somente com 03 turmas do Ensino Fundamental I. Atualmente a escola funciona em prédio próprio, tem capacidade para atender até 800 alunos da Educação Infantil (creche e pré-escola) e Ensino Fundamental I e II.

Hoje em dia a escola tem como objetivo, oferecer uma educação de qualidade para os educandos e preparar cidadãos. Conta também com

² Esse termo é designado por Maria da Glória Gohn, onde ela destaca que, [...] a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (2006, p.28).

diversas atividades, entre elas o Mais Educação³, que visa formar pessoas que compreendam o ambiente social, o sistema político, a tecnologia e que fortaleça o processo democrático e participativo. A escola também visa a inovação nas atividades pedagógicas, para a melhor aprendizagem dos alunos.

Um Projeto bastante importante que foi implantado na Comunidade de Córrego, foi o Modelo de Inclusão Digital para Empreendimentos Produtivos – MIDEP, esse Projeto é da Fundação Banco do Brasil (FBB) que teve como parceria a Associação de Mini Produtores de Córrego e Sítios Reunidos (AMPC), que tem como objetivo a inclusão digital, através desse projeto a Comunidade ganhou uma Estação Digital Espaço Virtual, que funciona desde 2007, de início oferecia cursos gratuitos de Informática e internet para os moradores e prioritariamente membros da AMPC.

Hoje em dia, a Estação Digital Espaço Virtual, funciona como o Polo e-Tec Apodi, que faz parte da Rede e-Tec Brasil pela Escola Agrícola de Jundiá (EAJ), que é uma Unidade Acadêmica de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). No Polo e-Tec Apodi Já foram oferecidos vários cursos técnicos, como o de Informática, Agroindústria, Comercio Exterior e Cooperativismo.

Assim, é importante ressaltar o grande valor que tanto a Educação Informal como a Formal têm na Comunidade do Córrego. A Educação Informal sendo um traço que deve ser preservado e valorizado, para que continue presente nas gerações futuras, e a Educação Formal sendo uma grande ferramenta para a formação de cidadãos.

³ Segundo o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), “O Programa Mais Educação tem como objetivo ampliar o tempo de permanência dos estudantes na escola, por meio da oferta da educação integral. Uma das ações desse programa é a formação continuada dos professores.”

3. AS MEMÓRIAS E A CONSTRUÇÃO FORMATIVA: UMA ANÁLISE TEÓRICA

Com o avanço da modernização as comunidades tradicionais perdem parte significativa das suas memórias coletivas, das suas lembranças e tradições. Assim cada vez mais surge a necessidade de valorizar essas comunidades e de pensar formas de preservar as identidades culturais, as lembranças, memórias e costumes que ainda estão presentes nesses locais. Desse modo, a discussão sobre comunidade é fundamental para a compreensão deste trabalho. Peruzzo e Volpado (2009, p. 143), argumentam que:

(...) alguns elementos fundamentais caracterizam uma comunidade na atualidade: a) sentimento de pertencimento; b) sentimento de comunidade; c) permanência (em contraposição à efemeridade); d) territorialidade (real ou simbólica); e) forma própria de comunicação entre seus membros por meio de veículos específicos.

As comunidades rurais são espaços onde vários “sentimentos” se encontram, a solidariedade, compaixão, respeito, segurança, afetividade, união entre outros, onde a vida nesse espaço é baseada nas relações entre as pessoas e naquilo que Thomsom (1998) chama de economia moral, ou seja, um modelo econômico baseado em relações solidárias e cooperativas. Sobre essas relações sociais. Peruzzo e Volpado (2009, p. 140), acrescentam que:

O local, a comunidade, a família, por nos serem próximos, tendem a representar segurança e proteção em um mundo aparentemente instável, de proporções globais etc. Uma vez estruturados com base em harmonia e solidariedade, seriam espaços de abrigo e amparo em meio às turbulências da vida urbana.

Um espaço em que mesmo estando distante existe o sentimento de pertencimento, de identidade, de fazer parte. As memórias e lembranças desses locais não devem ser esquecidas, mas sim lembradas, ressignificadas e utilizadas como aspecto formativo às novas gerações.

Na comunidade do Córrego não é diferente, os valores e o modo de vida dos antepassados busca viver e conviver com os novos modelos de comportamento e vida. Nela existe o sentimento de pertencimento, de identidade, até mesmo das pessoas que já fizeram parte desse local e que hoje

em dia moram em outras localidades, mas se identificam com o Córrego. Na próxima seção vamos discorrer sobre as memórias e lembranças deste lugar.

3.1 - Memórias e Lembranças:

Alguns autores já trabalharam com o conceito de memórias e lembranças. Chauí (2000, p.158) afirma que, “A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais.”

Bosi (1979, p.17) destaca que: “A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos do convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo”. As citações acima dizem que a memória são constituídas a partir do lugar em que o sujeito vive e convive com outros sujeitos de memórias, isso forma aquilo que estamos chamando de memória coletiva. Essas memórias são passadas através de narrativas de geração em geração o que implica uma consolidação da história do lugar.

Maurice Halbwachs (1990, p.71) acrescenta, “[...] Podemos então chamar de lembranças muitas representações que repousam, pelo menos em parte, em depoimentos e racionalização”. Com isso podemos dizer que as lembranças formam as memórias, ou seja, um conjunto de lembranças individualizadas congregam para a formação de uma memória, em outras palavras a lembrança está mais ligada ao indivíduo enquanto a memória está relacionada à coletividade.

As memórias podem surgir diferentes e exclusivas em cada pessoa, mas “A memória é, pois, inseparável do sentimento do tempo ou da percepção/experiência do tempo como algo que escoar ou passa” (Chauí, 2000, p.159). Essas palavras têm muito a ver com as de Barreto (2017, p.164), quando ela fala que “[...] A memória costura, tece o passado no presente, compondo tramas e enlaçando-se em novas possibilidades existenciais.” Assim não tem como pensar no passado sem se conectar com as memórias/lembranças.

É estranho pensar a vida sem as memórias, pois não tem como pensar e viver o presente sem se conectar de alguma forma com o passado. Sem essas memórias tudo seria obscuro e o sujeito perderia o referencial do seu percurso histórico. Nesse contexto, Chauí (2000, p.164) destaca que:

A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo).

As memórias têm suas maneiras de guardar vestígios do passado e de reproduzi-las, dessa forma, o presente pode ser modificado, assim, compreender as memórias históricas é uma forma de compreender certos acontecimentos do presente ou até mesmo do futuro.

Bergson (1999, p. 69) afirma que: “Digamos inicialmente que, se colocarmos a memória, isto é, uma sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la”. Daí que o estudo das memórias seja tão importante, pois ele não é somente um acesso ao passado, mas uma forma de ressignificar esse passado e também uma forma para compreender o presente.

3.2 - Memória Coletiva e Memória Histórica

As memórias individuais estão dentro das memórias coletivas, Maurice Halbwachs (1990, p.53), fala que a memória coletiva “[...] envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas.” Essas duas memórias estão ligadas entre si. Halbwachs (1990) distingue duas memórias, uma dita como interna e a outra externa, ou seja, uma de pertencimento único, pessoal e a outra de forma mais social, sem experiência própria do acontecimento. A memória histórica é aquela que só tomamos conhecimento quando lemos ou ouvimos falar. Ainda segundo Halbwachs (1990, p.55):

Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos, se o quisermos, a uma interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda a história de nossa vida

faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso.

Com as memórias históricas é possível voltar ao passado, quando as histórias passadas não são contadas, as memórias tanto individuais como coletivas vão se perdendo, junto com as tradições e culturas, onde assim, há a construção de uma nova memória que não corresponde ao devido lugar. No entanto,

[...] poderíamos dizer que não temos poder sobre o futuro sem uma perspectiva igual e correspondente sobre o passado, que o impulso de nossa atividade para diante cria atrás de si um vazio onde as lembranças se precipitam, e que a memória é assim a repercussão, na esfera do conhecimento, da indeterminação de nossa vontade. (BERGSON, 1999, p. 68).

Quando uma pessoa está relembando ou contando uma memória coletiva, ela estabelece suas relações, onde pode haver um sentimento de pertencimento ou exclusão, assim as pessoas têm suas memórias como prova de pertencer ou não a determinado lugar, religião, família, sendo também uma forma de identidade individual e de grupo. Segundo Albuquerque Jr. (2011, p.79).

A saudade é um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo pedaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si. A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, toda uma classe social que perdeu historicamente a sua posição, que viu os símbolos de seu poder esculpidos no espaço serem tragados pelas forças tectônicas da história.

Assim, deve haver uma conexão entre memória coletiva com a própria memória individual, não basta apenas testemunhar, tem que haver uma conexão com o próprio indivíduo. Na memória coletiva, pode haver relatos de acontecimentos que outras pessoas não lembram, ou não guardou nenhuma lembrança. Halbwachs (1990, p. 29) dar um exemplo sobre isso:

Vejam um professor que ensinou durante dez ou quinze anos em um liceu. Ele encontra um de seus antigos alunos, e mal o reconhece. Este fala de seus colegas de outrora. Ele recorda os lugares que ocupavam nos diversos bancos da sala de aula. Evoca muitos dos acontecimentos de ordem escolar que se produziram nessa sala de aula, durante esse ano, os sucessos de uns ou outros, as extravagâncias e as travessuras de outros, tais partes do curso, tais explicações que impressionaram particularmente os alunos, ou lhes

interessaram. Ora, é bem possível que, de tudo isso, o professor não tenha guardado nenhuma lembrança.

Assim, quando um acontecimento marca a vida do indivíduo, as memórias são mais fáceis de serem lembradas, quando o acontecimento não marca a vida, ou seja, quando não guardamos nenhum vestígio de um determinado momento, as memórias não existem ou são difíceis de lembrar. Um momento pode ser lembrado com formas diferentes, com traços distintos, cada pessoa pode absorver detalhes de formas discordantes, pois segundo Halbwachs (1990, p.75) isso acontece: “[...] porque é impossível que duas pessoas que viram o mesmo fato, quando o narram algum tempo depois, o reproduzam com traços idênticos”.

O modo de vida dos dias de hoje apaga muitas vezes as lembranças, o passado, dessa forma, a memória está constantemente em risco de ser esquecida na medida em que as histórias não são contadas. Conforme Albuquerque (2011, p.98), “o homem não tem sobre o tempo nenhum comando, apenas sofre o tempo, sem defesa. O tempo anda no homem, mas este não anda nele. O tempo nos gasta como lixa, nos deforma, nos diminui e nos acrescenta”.

Nos dias atuais com a globalização, de uma certa forma as memórias estão sendo deixadas de lado, seja quando um prédio antigo (cheio de história) e derrubado, ou até mesmo quando não sentamos perto dos nossos avós e ouvimos aquelas longas e emocionantes histórias. Chauí (2000, p.161) aborda esse assunto quando ela destaca que:

Em nossa sociedade, a memória é valorizada e desvalorizada. É valorizada com a multiplicação dos meios de registro e gravação dos fatos, acontecimentos e pessoas (computadores, filmes, vídeos, fitas cassetes, livros) e das instituições que os preservam (bibliotecas, museus, arquivos). É desvalorizada porque não é considerada uma atividade essencial para o conhecimento – podemos usar máquinas no lugar de nossa própria memória – e porque a publicidade e a propaganda nos fazem preferir o “novo”, o “moderno”, a “última moda”, pois a indústria e o comércio só terão lucros se não conservarmos as coisas e quisermos sempre o “novo”. A desvalorização da memória também aparece na proliferação de objetos descartáveis, na maneira como a indústria da construção civil destrói cidades inteiras para torná-las “modernas”, destruindo a memória e a História dessas cidades. A desvalorização da memória aparece, por fim, no descaso pelos idosos, considerados inúteis e inservíveis em nossa sociedade, ao contrário de outras em que os idosos são portadores de todo o saber da coletividade, respeitados e admirados por todos.

Assim, a importância da preservação das memórias no Córrego, encontra eco na citação acima. São pessoas idosas que guardam a memória do lugar, porém essas mesmas pessoas não são valorizadas enquanto sujeitos de saberes, pessoas que guardam a história. Daí que essa pesquisa seja tão importante para reconhecer esses sujeitos enquanto símbolos de preservação da cultura popular.

Quando as lembranças são rememoradas, momentos bons e ruins podem ser evocados, muitos sentimentos envolvidos. Esses aspectos são abordados por Pollak (1989) quando fala sobre os sobreviventes dos campos de concentração, que com o tempo elas se fecham para muitas memórias desses momentos, que são as memórias ruins, pois determinados acontecimentos tem o poder de provocar diversos sentimentos. Nesse aspecto Pollak (1989, p.4), acrescenta que:

Em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança "comprometedora", preferem, elas também, guardar silêncio. Em lugar de se arriscar a um mal-entendido sobre uma questão tão grave, ou até mesmo de reforçar a consciência tranqüila e a propensão ao esquecimento dos antigos carrascos, não seria melhor se abster de falar?

Isso acontece, pois, as pessoas às vezes, não querem que acontecimentos tristes sejam lembrados, por isso elas não os contam, se fecham para essas lembranças. Essas memórias que não são ditas (memória clandestina) precisam encontrar uma brecha e passar de clandestina a nacional. Sendo sempre importante conhecer as histórias e acontecimentos passados, pois, se não se conhece o passado, não se conhece o presente e nem a se mesmo. Pollak (1989, p.06) enfatiza que:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.

Essas questões de Pollak (1989) são muito importantes, pois, trazem aspectos da modernidade, a falta de alguém escutar o outro, pois com o tempo o esquecimento vai surgindo e as pessoas vão esquecendo as memórias, principalmente quando não tem quem as escute, trazem questões também de

sentimentos da classe dominada, onde só é escutado o que se quer ouvir, deixando para trás acontecimentos presentes que tiveram sua origem no passado. Sendo de extrema importância saber a que ponto o passado dar cor ao presente. Nesse sentido, Maurice Halbwachs (1990, p.84) destaca:

“[...] A memória de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta. Não é por má vontade, antipatia, repulsa ou indiferença que ela esquece uma quantidade tão grande de acontecimentos e de antigas figuras. É porque os grupos que dela guardavam a lembrança desapareceram. Se a duração da vida humana for duplicada ou triplicada, o campo da memória coletiva, medido em unidade de tempo, será bem mais extenso. Não é evidente aliás, que essa memória ampliada teria um conteúdo mais rico, se a sociedade ligada por tantas tradições evoluísse com mais dificuldade. Da mesma maneira, se a vida humana fosse mais curta, uma memória coletiva recobriria um período mais restrito, não estaria talvez mais empobrecida, porque, numa sociedade assim aliviada, as mudanças se precipitariam. Em todo o caso, uma vez que a memória de uma sociedade se esgota lentamente, sobre bordas que assinalam seus limites, à medida em que seus membros individuais, sobretudo os mais velhos, desapareçam ou se isolem, ela não cessa de se transformar, e o grupo, ele próprio, muda sem cessar.”

Com isso observamos e fazemos referência ao nosso campo de estudo visto que é de extrema importância valorizar, ouvir e recontar as memórias, é nesse ponto de vista que essa pesquisa se apoia. Se as memórias e lembranças do Distrito do Córrego forem contadas e lembradas elas não desapareceram, ficaram marcadas na sociedade, e poderão permanecer nas próximas gerações, dando continuidade ao processo histórico e reafirmando identidades culturais que unificam o grupo social.

4. O QUE EU VI E APRENDI DAS MEMÓRIAS/HISTÓRIAS CONTADAS

Nesta seção vamos tratar dos dados, das entrevistas e dos procedimentos realizados para a obtenção dos resultados que iremos apresentar. Destaque-se novamente a dificuldade no tocante às fontes, como dito no início deste trabalho, as fontes oficiais são escassas e os raros documentos sobre o Distrito do Córrego inacessíveis. Por isso mesmo nossa principal fonte reside na oralidade, o que dentro do nosso pensamento não diminui a cientificidade da pesquisa, pelo contrário reforça ainda mais a necessidade de preservação da historicidade.

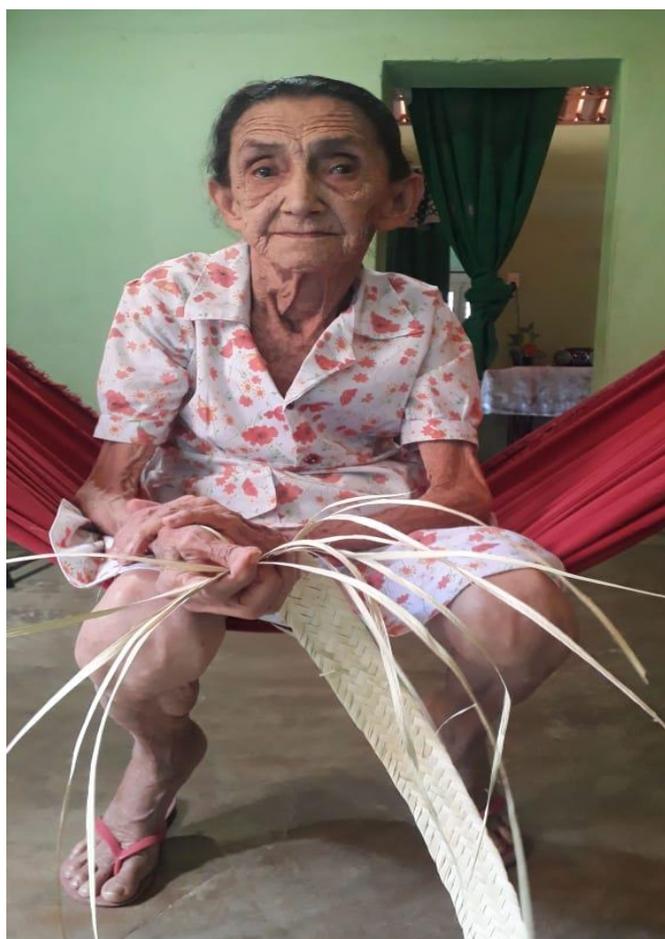
As entrevistas foram realizadas com cinco (5) mulheres moradoras do Distrito do Córrego e foram feitas nas suas próprias residências. Utilizamos como material de coleta das entrevistas um gravador, um caderno de campo e celular para fotografar. O critério de escolha foi a idade, uma vez que precisávamos de pessoas com o máximo de vivência no lugar. O termo de consentimento do uso do nome e da imagem foi averbado por todas, tendo em vista que algumas não assinam mais seu próprio nome. Por isso, optamos por utilizar os nomes reais das mulheres.

Perfil das entrevistadas				
Nº	NOME	IDADE	ESCOLARIDADE	OCUPAÇÃO
1	Francisca Torres de Lima (<i>Nina</i>)	83	5º Ano	Professora/artesã
2	Antônia Maria da Silva	86	“Coisinha pouca, não sei de nada, nem assinar o nome”.	Não Trabalha
3	Maria Lurdes de Moraes	79	“Muito pouco, naquele tempo o povo não estudava, diferente de agora, não tinha em que estudar... Sei lá,	Não Trabalha

			não fiz nem o 1° Ano”	
4	Maria Vilani da Silva Ferreira	70	“Muito pouco, não aprendi nada”.	Artesã
5	Sebastiana Francisca de Lima (<i>Dona Peca</i>)	82	“Estudei até o 4° Ano, repetir várias vezes, não tinha mais pra frente”.	Não Trabalha

O perfil acima apresenta-se como uma fonte de pesquisa rica em historicidade, são vivências e memórias condensadas pelo tempo que agora temos acesso. Segue as fotos das entrevistadas.

Figura 9: Francisca Torres



Fonte: Acervo da Autora, 2019.

Figura 10: Antônia Maria



Fonte: Acervo da Autora, 2019.

Figura 11: Maria Lurdes



Fonte: Acervo da Autora, 2019.

Figura 12: Maria Vilani



Fonte: Acervo da Autora, 2019.

Figura 13: Sebastiana Francisca



Fonte: Acervo da Autora, 2019.

Como nosso objetivo geral da pesquisa é compreender a capacidade formativa das memórias a partir das falas das moradoras do Distrito do Córrego, iniciamos agora as transcrições das entrevistas alinhadas ao propósito de compreender transformações históricas e culturais desse lugar chamado Distrito do Córrego.

Inicialmente perguntamos: *Quantos anos faz que a senhora mora na Comunidade?* Francisca Torres, doravante **Nina** afirma que: “Desde 1958”. **Antônia Maria** “Eu nasci aqui”. Já Maria Lurdes, doravante **Lurdes**, diz que: “Nasci aqui, só não foi nessa casa, foi *nôta* casa, do *véi* Leriano, depois nós viemos pra cá”. Quando perguntamos a Maria Vilani, doravante **Vilani** ela diz que faz: “70 anos”. Finalmente Sebastiana Francisca, doravante **Peca**, afirma que: “Cheguei em 1993”.

É perceptível, a partir dessa primeira pergunta que na maior parte dos casos faz muitos anos que as entrevistadas residem na Comunidade, havendo em suas vivências traços significativos de temporalidade que devem ser contados e valorizados e usados enquanto formação às novas gerações.

Em seguida, foi feita a seguinte pergunta: *Como chegou aqui?* Nina diz:

"Eu morava no Sítio Mina, aí quando eu casei em 1957 foi que eu saí de lá, do sítio Mina num sabe? aí eu casei em 57 aí em 58 nós *viemo* pra cá, um ranchinho por aqui, aí fiquei por aqui toda vida. Ainda morei, bem... morei na casinha ali onde é Deisinha, morei lá naquele Colégio *véi* onde era uma casa *cheia* de alma (Risos) era tanta alma tinha era medo, morreu aqueles homens..." (ENTREVISTA COM NINA, 2019)

Antônia Maria, Lurdes e Vilani afirmam que seus pais sempre moraram no Córrego. Quando perguntamos para Peca, ela diz o seguinte: "Cheguei num carro, viemos passar a seca de 1993, aí *trusemo* os troço tudo... nós *fiqemo* numa casinha, aí depois foi que nós *cumpremo* uma casinha aqui". De acordo com essas respostas percebe-se que das 5 entrevistadas, 3 nasceram na própria Comunidade e que as outras duas chegaram em decorrência das necessidades que se passavam naquela época, onde ficaram e criaram raízes nesse local.

Logo após foi feita a terceira pergunta: *Como era a Comunidade quando veio morar aqui?* Nina diz:

Aqui, aqui era uma mata, aí Preto (marido de Nina) brocou, aí nós fizemos essa casinha, moremos muitos anos, bem dois ou três só

com as esteiras, nós não podia fazer as portas, sabe? Parece que não tinha igreja...tinha não! tinha o colégio, o Colégio Municipal, aquele ali eu ensinei...peraí, eu ensinei oito anos lá no Estadual e ensinei o resto ali no municipal. Aqui *mermo* quando nós *cheguemo* só era nós e compadre Leriano (morador) na outra, aí começou Novo (morador) fazendo, Dú (morador) fazendo aí começou as casas. (ENTREVISTA COM NINA, 2019)

Desse modo, é notável as mudanças ocorridas na paisagem do local. O processo de urbanização ocorreu ao passo que outras famílias iam chegando ao lugar. Esse processo que ocorreu de modo lento é transformador para as pessoas ao mesmo tempo em que essas pessoas transformam esse lugar. Ainda na mesma questão Antônia Maria diz que:

Nasci numa casinha aqui. Quando casei em 50 vim pra cá, pra essa casa. Nós moremos numa latada debaixo de um cajueiro, era tudo muito simples. Quando *chuvia* um *homi* dizia: 'nessa casa *num* tem criança não, ninguém vê o choro dessa criança, numa ventania dessa e *chuvendo*'. Naquele tempo dava uma chuva muito forte de vento, papai colocava nós tudo debaixo da mesa (ENTREVISTA COM ANTÔNIA MARIA, 2019)

Quando perguntamos para Lurdes ela diz: "Tinha muita pouca casa, tudo de taipa." Já Vilani afirmou:

Tinha umas poucas de casa, agora do lado que eu comecei a viver, naquele lado não tinha muita não, tinha só três casa, era a nossa, a do *véi* Léoloia e a do Senhor de Mariquinha. Eu estudei muito pouco, não aprendi nada, porque, minha *fia*, eu morava do outro lado, aí tinha água aí eu não vinha com medo de passar a água (ENTREVISTA COM VILANI, 2019)

Peca diz que: "Tinha igreja, Colégio também, comércio só tinha o de Dão, tinha pouca casa."

De acordo com essas lembranças que foram destacadas, se percebe as diversas mudanças que ocorreram nesse local, se percebe também, que essas memórias estão repletas de representatividades e importância para todos da Comunidade, onde elas captam aspectos relevantes para as gerações.

Essas memórias além de representativas para as mulheres carregam também um forte vínculo afetivo entre os sujeitos e o lugar, sendo comum, por exemplo, as mulheres se emocionarem ao contar essas lembranças. Além disso, sentem-se valorizadas por conhecerem a história e terem a quem contar.

A quarta pergunta era a seguinte: *Quais as principais transformações que ocorreram na Comunidade e na sua vida?* Nina fala que:

Mudou muito, porque a gente morava lá no sítio Mina, mamãe passava a noite tratando macambira pra gente comer... pão. Nós era bem *pobrezin*, comia pão de macambira com quatro *carocin* de *Feijãozin*, Ave Maria, a situação era grande. Aí eu, eu fui estudar né!? aí aprendi muita coisa, aprendi corte, aprendi a fazer flor, *sapatim*, fio de lã, tudo com minha máquina *véa*, lá está ela, guardada, o povo quer comprar, eu digo: *destá* aí, aqui foi com que eu criei minha família. Compadre Leriano chegava com uma calça, oh comadre Nina, por uma hora dessas, oh comadre Nina você faz minha calça hoje? eu disse: faço! eu fazia com uma lamparina, quando chegava perto da lamparina eu *fastava* a lamparina um *pouquin*.... Mulher a gente sofreu muito, armaria, agora o povo não sofre mais não minha *fia*. Ainda ensinei 23 anos, ganhava bem *pouquin*, aí me aposentei, me aposentei com 57 anos, ainda perdi dois anos, o homem disse: você é muito besta, ainda perdeu dois anos, ainda tem essa besta, eu disse: tem nada não (ENTREVISTA COM NINA, 2019).

Podemos observar um período de grandes dificuldades financeiras e escassez de alimentos na fala de Dona Nina, mesmo assim apresenta-se permeada de saudades e emoções. Por outro lado, ela afirma, se referindo a atualidade como “*agora o povo não sofre mais não minha fia*”, porém, apresentando nessa fala um ar de fartura material mas pobre em significados por parte das gerações atuais.

Antônia afirma que: “*A gente trabalhava no cercado, eu apanhava feijão, plantava e desse jeito fumo levando, comia o que tinha*”. Peca diz o seguinte:

Quando eu era pequena morava na Soledade, tinha escola, eu estudava de a pé, de meia légua. Minha casa era de taipa *piquininha*, de tijolo não, tinha alpendre, sala, quarto, não era *incimentada*, era no *barrin* batido. As *fruitas* era muito fraca, não tinha *fruta* não, era uma novidade aparecer uma, lá não tinha não. As carnes papai matava criação, nós comia a carne de porco, de criação, de galinha, *viado*, tatu, teve um ano que papai matou bem seis *viado*. As comidas só era Pimenta e alho, não tinha verdura, não tinha colorau, a comida era branca (ENTREVISTA COM ANTÔNIA MARIA, 2019).

A partir desses resultados, se nota as diversas transformações que ocorreram na Comunidade e de como os modos de vida mudaram significativamente. A quinta pergunta foi: *O que você sente mais falta que tinha antes e hoje não tem?* Nina falou que:

Tem muita coisa né? porque eu criei... *peráí* ...8...11 filhos, criei 1 de Vânia (filha) uma de Neném (filha). Tive oito, tive 19 minha *fia*, entre os abortos e tudo, mas eu sofri, eu sofri para criar essa *famia*, mas... (risos) criei *tudin*, só na máquina e na trança, eu balançava o menino aqui no *punho* da rede em pé fazendo trança, fazendo a trança e balançando o menino. Não... não sinto falta de nada não, porque era uma coisa bem ruim, agora tá tudo bom né? (Risos), assim, tudo mais fácil né? era difícil pra gente, agora tudo é mais fácil (ENTREVISTA COM NINA, 2019)

Nina apresenta as transformações de antes e depois pelo que chama de facilidades deste tempo em relação ao passado. Essa compreensão é percebível também as diversas dificuldades que essas mulheres enfrentaram juntas com suas famílias para sobreviver.

A sexta pergunta era: *Na sua visão, as mudanças que ocorreram foram boas ou ruins?* Esta pergunta apenas Nina e Vilani responderam, Nina fala: *"É muito bom né? a gente quer ir uma missa vai, no dia que der certo vai, no dia que não der não vai"*. Já Vilani destaca: *"Foi bom! eu me casei, vim morar nesse lado de cá, esse lado de cá é mais divertido né!? tinha a minha família, comadre Lurdes, Nina..."*

A sétima pergunta foi: *Você prefere a Comunidade como era antes ou o tempo de agora?* Somente Nina respondeu, onde ela fala que: *"Agora né? tudo muito bom"*.

A oitava pergunta foi: *Quais os costumes de antes que hoje não tem?* Nina destaca:

"Agora tudo muito diferente, *num* sabe? ainda tem Mariinha ali que faz trança de noite. Mamãe tratava macambira pra fazer dois pão desse *tamai*. Nós *mermo* sofremo muito mais papai e mamãe, porque *moremo* em 13 casa, nós não tinha casa minha filha, quando vendia papai tirava os troço colocava em outra. Ontem foi a maior alegria, chegou uma *veia* aqui com 83 anos que eu morei perto de lá na rua, eu vivia lá quando eu estudava *num* sabe? aí ela veio aqui me visitar, ela, a filha e a nora, eu agradei tanto (ENTREVISTA COM NINA, 2019).

Lurdes fala que:

A festa que tinha antes minha *fia*, era a festa de São Pedro, bem simplesinha, só tinha mesmo a missa, o leilão, nem banda não tinha, era o zabumba, eu às vezes não ia, não podia comprar o vestido, a gente era tão pobre, a gente nem ia pras festa porque não tinha com o que comprar vestido. Hoje é diferente minha *fia*, todo mundo é rico. Antes todos só cozinhava em panela de barro, tinha lamparina, quando tinha festa que a gente ia, era no escuro, as estradas no escuro e a gente ia tudo satisfeito. Hoje em dia se não tiver energia não vai...não tinha nada dessas coisas e a gente vivia tão bem, com saúde. Tá tão diferente. Hoje ninguém sabe nem se há inverno, não presta atenção (ENTREVISTA COM LURDES, 2019).

Já Vilani afirma que:

Vixe Maria, o de antes a pessoa não responde pai e mãe, não saia só, so ia pra algum canto se fosse com o pai e a mãe, não tinha essa história de sair, ganhar o mundo andando e ir mais uma amiga, não servia pra ir nem com uma pessoa *prum* canto. Ninguém ia festa não, não tinha não, a festa era quando a gente vinha pra cá no sábado, que tinha umas valsinhas ali, aí era valsa debaixo de uma latada, ai a

gente vinha, passava um pedaço ia embora mais a mãe e o pai. Hoje em dia o povo é tudo bebendo (ENTREVISTA COM VOLANI, 2019)

Peca fala: "As festas, as que mais se fazia era drama, *Passei* dia sete de setembro, passeio de escola. Os vestido quem bordava era nós, as blusinhas bem bonitinha, bem bordadinha aqui na frente, os cabelo era frisado." De acordo com as observações das mesmas, se evidencia que muitos aspectos que eram "usados" no passado estão sendo deixados de lado, como é o exemplo de alguns traços da cultura, da educação.

A nona pergunta foi: *Quais os costumes que têm hoje na Comunidade que antes não tinha?* Nina destaca:

"Tem muita coisa né? Agora é tudo muito diferente *num* sabe minha *fia*. A gente ver aquelas coisas o rapaz beijando a moça, nesse tempo eu *num via* minha *fia*. Olhe eu passei três meses namorando com Preto e me casei, mas nunca peguei nem na mão dele e nem ele na minha, mas agora *num* é assim, eu nem ignoro mais né!? Às vezes eu digo ah povo doido, Vala me Deus, no meu tempo *num* era desse jeito não ...mas é interessante. (...) É muita coisa diferente... a gente cria os meninos bem educados, aqueles meninos que eu criei *tudin*, quando eu dizia Rita... ela já vinha chegava nos meus pés. De 7 horas já tava todos 8 nas suas redinhas, o povo se admirava *num* sabe? agora minha *fia* só se vê menino correndo, vendo a hora os carros matar, corre pra *qui* corre pra *acular*, eu digo vala meu Deus, fico doidinha quando me sento na calçada. No meu tempo *num* tinha isso não, só tinha um carro, a gente pra ir pra rua era no carro de Sinhó de Mariquinha, numa picape *veia*... Televisão *num* tinha, eu tinha um *raidin*... (ENTREVISTA COM NINA, 2019).

O relato de Nina sobre as mudanças de costume mostra quase que uma pessoa pouco adaptada a todas as novidades da atualidade, seja as novidades da tecnologia seja dos costumes e regras sociais. Parece também uma pessoa deslocada do seu tempo histórico.

Vilani, por sua vez, de forma mas demorada e explicativa afirma que:

Hoje em dia tem celular, uma criança tem, não tinha televisão, nem carro pra andar não tinha minha *fia*. Quando *aduicia* um menino, a gente ia numa burra a cavalo na garupa, com ele nos braços, era sofrimento. Pra comer, fazia umas coisinhas de palha, comecei a trabalhar na palha com nove anos, mas minha mãe. Olha, de manhã era cercado mais meu pai, de tarde era mais minha mãe trabalhando na palha, pra comprar as coisas. Trabalhava no algodão pra ganhar um vestido, pra ganhar uma sandália, se desse pra ganhar. Tempo bom é o de agora...Ei vamos tirar uma televisão no fim do mundo, no cartão em tantas vezes, é muito bom... (ENTREVISTA COM VILANI, 2019)

Sobre a nona pergunta Peca destaca:

Hoje as coisas é tudo mais melhor, mudou, é mais fácil. Aqui tem muita *fruta* pra vender, naquele tempo não tinha nada disso. Televisão não tinha não, tinha um rádio, não tinha energia era a pilha, o claro era lamparina. Hoje é melhor, tem a luz, o claro pra todo lado, antes tudo era escuro. Antes tinha médico mas era difícil, hoje tem muito (ENTREVISTA COM PECA, 2019).

Nesta pergunta, as entrevistadas destacaram muitos aspectos relevantes, como por exemplo as diferenças dos namoros de antes e os namoros de hoje, a educação que antes prevaleciam nas famílias e que hoje em dia já se encontra, digamos, em outros patamares, os eletrodomésticos que antes não existiam e que atualmente, estão presentes consideravelmente na Comunidade de Córrego. É visível também, na fala das entrevistadas, as melhorias que estão presentes atualmente, sendo mais fácil viver nos dias de hoje.

E finalmente a décima e última pergunta era a seguinte: *o que pode ser feito para que a história da Comunidade não se perca no tempo?* Somente Nina respondeu, onde a mesma falou que deve-se: "Contar tudo né? ... Tem muita gente que não sabe".

Essas entrevistas em forma de relatos e narrativas, foram realizadas com muita dedicação, onde foi possível perceber o entusiasmo das entrevistadas em algumas perguntas e da presença do esquecimento em outras. Foi possível notar, a alegria e amor em poder contar suas Histórias que ainda estão presentes em suas memórias. Essas memórias são formativas, elas tem o poder de educar, na medida em que são contadas, por isso a importância de sentar e ouvir e aprender com as pessoas mais idosas dessa Comunidade.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este estudo teve como finalidade refletir e pensar sobre as memórias de uma comunidade enquanto ação formativa. Dessa forma, ao decorrer da pesquisa foi possível observar que com a crescente industrialização e modernidade, as “pequenas” coisas da vida estão sendo deixadas de lado, como é o exemplo de coisas simples, como é o caso de sentar e ouvir os mais velhos.

No decorrer do estudo, foi possível também perceber que as entrevistadas sentem uma satisfação enorme em poder contar suas memórias e histórias de vida, onde é possível notar o amor e a saudade de um tempo que já se foi. Os resultados se mostram bastante importantes e repletos de representatividades para a Comunidade e para a pesquisadora.

Este estudo tem uma importância significativa para a Comunidade do Córrego, pois é o primeiro trabalho acadêmico que aborda sobre a história, memórias, saudades e vivências da mesma. Assim, é notável que falar em memórias nessa Comunidade não é algo constante, sendo que existe pessoas que não conhece sua própria história. Sendo importante também para as futuras gerações, pois todos devem conhecer seu passado para poder entender seu futuro, e essas memórias são formativas na medida que elas formam novas pessoas, novos pensamentos, novas ideias, novas percepções de compreender os acontecimentos presentes. É importante ressaltar que a partir dessas narrativas, a História do Córrego passa a ter um registro através do que foi vivido e trazido das memórias destas mulheres.

Assim, este trabalho também é importante para a Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), principalmente para o Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC), pois vai possibilitar que futuramente outras pessoas tenham acesso a este trabalho e que possa servi de referências e inspiração para surgir outros trabalhos com essa temática, não só na Comunidade de Córrego, mas em outras Comunidades, pois todas as memórias devem ser recontadas.

Dessa forma, se constata que essas memórias são de extrema importância para a Comunidade e para as gerações futuras, tendo em vista que

são formativas, educativas e de grande relevância para a Educação tanto formal quanto Informal.

Almejamos, com este trabalho que as memórias dessa Comunidade não se percam no tempo, que elas sejam contadas e recontadas e que as pessoas tenham paciência e interesse para ouvir. Pois, no cotidiano, se percebe a troca de conversas presenciais por conversas virtuais, sendo um grande problema na atualidade.

Neste caso, a pesquisa nos possibilitou a enorme oportunidade de conhecer melhor a História de uma Comunidade e as memórias de um povo. Sendo que os resultados foram bastante positivos, onde elas destacaram aspectos bem antigos da Comunidade e das suas vidas, onde é possível notar não só a diferença na Comunidade, mas principalmente nos modos de vida.

Esta pesquisa significou muito pra mim, primeiro porque sou apaixonada por essa Comunidade, e sempre tive vontade de pesquisar mais sobre suas Histórias. Segundo porque foi uma honra entrevistas/conversar com pessoas tão especiais, pessoas que viram a Comunidade se modificar até os dias atuais. É inexplicável a sensação de ver o amor e o carinho no rosto de cada uma quando fala das suas Histórias, se percebe a saudade no olhar de um tempo que já se foi e nunca mais irá voltar, e volta sim, nas lembranças, presentes nas memórias de cada uma que compõe o todo coletivo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Jr., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

APODI. Lei Municipal Nº 1132/2017, de 22 de abril de 2017. Cria o Distrito de Córrego e dá outras providências. Apodi, 2017. Disponível em: https://apodi.rn.gov.br/arquivos/36/LEIS_11322017_2017_0000001.pdf. Acesso em 25 de Abril de 2019.

BARRETO, Ângela Maria. MEMÓRIA E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: APONTANDO TENDÊNCIAS. **Revista Acb: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p.161-176, 2007. Jul/dez. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2684569.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2019.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 290 p. Tradução Paulo Neves.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Tao. 1979.

_____. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRASIL. IBGE. Censo Demográfico, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/apodi/panorama>. Acesso em: 25 de Abril de 2019.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: ática, 2000.

DUTRA, Wescley Rodrigueus. **Nas trilhas do "rei do cangaço" e de suas representações (1922-1927)**. 2011. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós- Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Pesquisa Social, métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Rio de Janeiro, 2006. Olhar se esta certa.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990. Tradução Laurent léon schaffter.

História, ISABEL AURELIA. Disponível em: <http://isabelaurelia.blogspot.com/p/historia.html>. Acesso em: 01 de Maio de 2019.

História, TUDO DE APODI. Disponível em: https://tudodeapodi.blogspot.com/p/historia_26.html. Acesso em: 23 de Abril de 2019.

MARIA, Stpm Jota. Córrego – Apodi – RN. **Blogsport**, 2013. Disponível em: <http://jotamaria-zonarualdeapodi.blogspot.com/2013/03/historico-comunidade-do-corrego-surgiu.html>. Acesso em: 19 de Fevereiro de 2019.

Mais Educação, **Portal do FNDE**. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/aceso-a-informacao/institucional/area-de-imprensa/noticias/item/6432-mais-educa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 02 de Julho de 2019.

MELLO, João, A conquista do voto feminino, em 1932. **Jornalggn**, 2014. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/historia/a-conquista-do-voto-feminino-em-1932/>. Acesso em: 11 de Julho de 2019.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução á Historia do Rio Grande do Norte**. 2. ed. rev. Natal (RN): Cooperativa Cultural, 2002. 302 p.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. 3.ed. rev. e ampl. Natal (RN): EDUFRN, 2007.

Município de Apodi, Cidade-brasil, 2006. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-apodi.html>. Acesso em: 19 de Fevereiro de 2019.

PERUZZO, Cecilia.; VOLPADO, Marcelo. **Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença**. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Conceitos-de-comunidade-local-e-regi%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 10 de Setembro de 2018.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf Acesso em: 10 de julho de 2018.

TOMPSOM. E. P. Costumes em comum: estudo sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. Natal: Sebo Vermelho, 2007. 305p.

WANDERLEY, M.N.B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J. C. (org). Agricultura familiar: realidades e perspectivas. 2 ed. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

APÊNDICE

APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Em que trabalha:

Quanto tempo mora na comunidade?

PERGUNTAS

- 1- Quantos anos faz que o senhor/a mora na comunidade?
- 2- Como chegou aqui?
- 3- Como era a comunidade quando veio morar aqui? (saudades, memórias, lembranças... por exemplo)?
- 4- Quais as principais transformações que ocorreram na comunidade e na sua vida?
- 5- O que você sente mais falta que tinha antes e hoje não tem?
- 6- Na sua visão, as mudanças que ocorreram foram boas ou ruins? Porque?
- 7- Prefere a comunidade como era antes ou o tempo de agora?
- 8- Quais os costumes de antes que hoje não tem?
- 9- Quais os costumes que tem hoje na comunidade que antes não tinha?
- 10- O que pode ser feito para que a história da comunidade não se perca no tempo.